

*Ivan Sant'Anna e Luciano Mangoni*

# Voo cego



Copyright © 2017 by Ivan Sant'Anna e Luciano Mangoni

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Guilherme Xavier

*Foto de capa*

Desenho Editorial

*Imagens do caderno de fotos*

Photovault.com © 2016

*Mapa*

Bruno Romão

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sant'Anna, Ivan

Voo cego / Ivan Sant'Anna e Luciano Mangoni. –  
1ª ed. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2017.

ISBN 978-85-470-0022-6

1. Acidentes aéreos 2. Acidentes aéreos – Investigação 3. Avianca voo AVA052, colisão, 1990  
4. Tragédia I. Mangoni, Luciano. II. Título.

---

16-08987

CDD-363.1241

Índice para catálogo sistemático:

1. Acidentes aéreos : Investigação : História  
363.1241

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.objetiva.com.br

*The air up there in the clouds is very pure and fine,  
bracing and delicious. And why shouldn't it be? — it is  
the same the angels breathe.*

[O ar lá em cima, nas nuvens, é muito puro e  
saudável, estimulante e delicioso. E por que não o seria?  
É o mesmo que os anjos respiram.]  
Mark Twain

# Introdução

Às 13h10 de quinta-feira, 25 de janeiro de 1990, um Boeing 707, prefixo HK-2016, da companhia aérea colombiana Avianca, cumprindo o voo AVA052, decolou do aeroporto internacional El Dorado, em Bogotá, com destino a Nova York e escala em Medellín. O comandante da aeronave era Laureano Caviedes, de 51 anos. Tinha como primeiro-oficial (copiloto) Mauricio Klotz, de 28. Completava a tripulação de cockpit (cabine de comando) o engenheiro de voo Matías Moyano, 45. Seis comissários, três homens e três mulheres, cuidariam do serviço de bordo.

Cinquenta e quatro minutos após partir de Bogotá, o AVA052 pousou no aeroporto internacional José María Córdova, em Medellín, de onde partiu uma hora e quatro minutos mais tarde. A bordo, além da tripulação, 149 passageiros.

Enquanto sobrevoava o mar do Caribe, indo para o norte em direção ao aeroporto internacional John F. Kennedy (JFK), em Nova York, a cinco horas e meia e 3835 quilômetros de distância, o Avianca 052 desfrutou de condições meteorológicas quase perfeitas. Só que uma tempestade proveniente do Meio-Oeste americano atingira a costa nordeste dos Estados Unidos e aumentava de intensidade ao longo do dia. Chuva, nevoeiro e

fortes ventos soprando em todas as direções atormentavam os pilotos e controladores de voo numa das áreas de maior tráfego aéreo em todo o mundo.

Os fatos quase inacreditáveis que cercaram o voo 52 se tornariam matéria obrigatória nas escolas de aviação comercial. É o relato desses acontecimentos que o leitor verá a seguir.

Junho de 2016

*Ivan Sant'Anna*

*ivansantanna1929@gmail.com*

*Luciano Mangoni*

*luciano.mangoni@gmail.com*

# PARTE 1

# 1. Garganta profunda

Noite de quarta-feira, 24, para quinta, 25 de janeiro de 1990. No quarto de um hotel barato de Medellín — segunda maior cidade da Colômbia, situada no Centro-Sul do país —, José Orlando Figueroa, um homem corpulento de 32 anos, engolia pacientemente o maior número de cápsulas de cocaína possível. Para incentivá-lo — um estímulo que se transformava em ameaça cada vez que Figueroa hesitava em engolir mais uma cápsula —, um agente do cartel local, que já fora um dos maiores entrepostos de drogas do mundo mas estava em franca decadência, não saía de seu lado.

Tanto José Figueroa quanto o homem que o acompanhava eram pessoas de hierarquia muito baixa no mundo das drogas. O posto de Figueroa era mais conhecido como “mula”, gente que, entre outros métodos, usava o próprio corpo como esconderijo do precioso pó.

As cápsulas eram preservativos recheados com aproximadamente oito gramas de cocaína pura cada um. Tinham a forma de uma pequena salsicha, do tamanho de um dedo indicador. Já haviam chegado ao hotel prontas para ser engolidas. O enchimento fora trabalho de um especialista embalador, que usara uma colher de sobremesa para colocar o pó no interior das camisinhas, cujas

bocas eram amarradas depois de cheias, sem que se perdesse um grama sequer. Por outro lado, se uma das camisinhas se rompesse durante a missão — e isso já acontecera várias vezes com outros mulas —, Figueroa teria morte quase instantânea por overdose.

Recrutar os mulas era um processo difícil e custoso. O cartel estava sempre precisando de gente. Como a cocaína se destinava aos Estados Unidos, antes de mais nada os correios da droga precisavam ter visto americano, ser residentes ou, até melhor, cidadãos dos Estados Unidos. Isso restringia muito o universo de candidatos.

A incapacidade de engolir as salsichinhas, difíceis de passar pela garganta, bem como a falta de coragem para fazê-lo, cortava algo como 90% dos restantes. Finalmente, os homens aptos para as “missões” e dispostos a cumpri-las não podiam dar entrada em Nova York ou Miami a todo momento, o que os colocaria em uma lista de suspeitos, já que as passagens pela Imigração americana ficavam registradas em seus passaportes e nos computadores do governo de Washington. Por isso, as viagens de cada um dos mulas eram espaçadas.

Sob pressão de seu acompanhante, Figueroa conseguiu engolir cem preservativos, usando um óleo mineral finíssimo como lubrificante. O moço do cartel não ficou satisfeito. Mandou que o mula engolisse mais, até que seu organismo regurgitou o 105º invólucro. Foram ao todo, portanto, 104 cápsulas com oito gramas cada, o que dava quase um quilo de droga, mais precisamente 832 gramas.

Nas próximas doze horas, José Orlando Figueroa, que já chegou ao hotel após longo jejum, não poderia beber nem comer nada e muito menos, é claro, evacuar. As 104 cápsulas tinham de ficar espalhadas ao longo de seu tubo digestivo, a maior



parte no estômago. Quando estivesse no avião da Avianca, que decolaria do aeroporto internacional José María Córdova, em Medellín, o mula, todo entalado, teria de aceitar as bandejas de refeição, para não despertar suspeitas dos comissários de bordo, porém apenas fingir que as comia, remexendo os talheres para lá e para cá.

Em janeiro de 1990, um quilo de cocaína valia 3 mil dólares em Medellín, preço que saltava para 45 mil em Nova York. Um mula recebia em média uns 4 mil dólares pelo serviço, dependendo, é claro, de sua capacidade de absorção. Alguns correios excepcionalmente bem-dotados já tinham conseguido transportar dois quilos e meio da droga, o que representava mais de trezentas cápsulas. Mas esses eram fenômenos.

Mesmo descontando as passagens aéreas e demais despesas, incluindo os honorários dos mulas e as eventuais perdas por ruptura de cápsulas ou flagrantes e apreensões da polícia aeroportuária americana, esse modo de tráfico ainda era um bom negócio, embora o grosso da cocaína que seguia da Colômbia para os Estados Unidos fosse transportado por outros métodos que permitiam maior quantidade, tais como coletes recheados de pó amarrados ao corpo, fundos falsos de malas, barcos, aviões pequenos que voavam rasante para escapar dos radares da Guarda Costeira americana, e até submarinos rústicos.

Uma maneira medonha de transportar cocaína foi tentada certa ocasião. O cadáver de um bebê foi aberto, suas vísceras retiradas, e cocaína colocada no interior da caixa torácica e na cavidade abdominal, costuradas logo após. E assim ele embarcou no colo de uma mulher que fingia ser sua mãe. Mas, na Alfândega americana, a imobilidade completa e a ausência total de sons do bebê fez o inspetor aduaneiro desconfiar que havia algo errado, e a fraude foi desmascarada.

O tráfico de narcóticos era um dos principais negócios do mundo, e nesse segmento a Colômbia formava a linha de frente da elite. Certa ocasião, o traficante Pablo Escobar (1949-93), arquiduque das drogas, propôs pagar a dívida externa colombiana em troca de um perdão para si, mas sua proposta não foi considerada.

Enquanto José Figueroa engolia suas cápsulas, numa casa nos arredores de Medellín Antonio Zuluaga fazia a mesma coisa. Zuluaga, de 46 anos, era um homem de ação do cartel local, conhecido por sua violência e impiedade, e jamais operara como mula. Mas, como estava viajando para Nova York, resolveu ter um ganho extra. Só que se revelou um fracasso na nova tarefa.

Zuluaga sentiu fortes náuseas e ardência na garganta e desistiu de continuar após engolir apenas 29 preservativos, também com oito gramas cada um, totalizando 232 gramas, uma carga de apenas 11 mil dólares, em valores do mercado de Nova York. Mesmo assim, era melhor o cartel deixá-lo fazer a viagem para evitar o processo de excreção, assepsia completa e carregamento de um novo mula.

Figueroa e Zuluaga tinham passagens reservadas no voo 52 da Avianca que decolaria de Medellín no início da tarde de quinta-feira, dia 25, com destino ao aeroporto internacional John F. Kennedy, em Nova York.

Após a chegada, já à noite, os dois seriam levados para locais que, até aquele momento, desconheciam (pois sempre havia a hipótese de serem presos e darem com a língua nos dentes), e onde beberiam grande quantidade de um poderoso laxante dissolvido em água. Em seguida, sentados em penicos, “desovariam” a mercadoria, que seria lavada, aberta e pesada, para conferir se a quantidade de pó expelido batia com a de pó engolido. Só então receberiam seu dinheiro.

Além de Figueroa e Zuluaga, outros mulas estavam sendo preparados naquela noite. Não seria exagero afirmar que as rotas Medellín-Nova York e Medellín-Miami eram uns dos principais caminhos de entrada de drogas via aérea nos Estados Unidos. Só que a Imigração e a Alfândega americanas, assim como a DEA (Drug Enforcement Administration) — agência do governo que, entre outras funções, cuidava da repressão ao tráfico de entorpecentes —, também sabiam perfeitamente dessas particularidades. Por isso um avião colombiano, lotado de colombianos, procedente da Colômbia, era sempre um avião suspeito.

## 2. Férias colombianas

Se tivéssemos que escolher um passageiro-padrão entre os que estariam no voo 52 da Avianca que partiria de Bogotá para Nova York em 25 de janeiro de 1990, diríamos que seria um cidadão colombiano residente nos Estados Unidos. Esse era, por exemplo, o caso de Carlos Patiño e sua mulher, María Josephina Patiño. Já o filho do casal, Juan David, de sete anos, que também estaria a bordo do Avianca 052, nascera em Nova York em 1982, dois anos após seus pais terem emigrado da Colômbia para tentar a vida na América.

Os Patiño, que viviam no bairro nova-iorquino do Queens, foram à Colômbia passar as férias com suas famílias, que não viam havia tempo. Quase o mesmo perfil — morava no Queens e fora à Colômbia rever os parentes — tinha o taxista Salomón Giraldo, de 52 anos.

O colombiano Jorge Lozano era um executivo da multinacional Cargill. Bem-sucedido na carreira, golfista amador, seu escritório ficava em Bogotá, onde mantinha residência fixa, mas viajava constantemente para os Estados Unidos. Todos os anos, no final de janeiro ou início de fevereiro, acontecia uma reunião

de dirigentes em Minnetonka, subúrbio de Minneapolis, no estado de Minnesota, onde a Cargill tinha sua sede.

Normalmente Lozano viajava de Bogotá para Miami e de lá para Minneapolis. Já até adquirira o bilhete com essa rota quando o chefe do escritório da companhia em Nova York o convidou para conhecer as novas instalações da sucursal da empresa na cidade. Jorge Lozano então trocou seu bilhete para o voo 52. Como se tratava de uma viagem de negócios, iria sozinho. Sua mulher, Begoña, permaneceria em Bogotá.

Gloria Martínez, de 32 anos, residente na cidade de West New York, no estado de Nova Jersey, viajara à Colômbia para mostrar seu filho de quatro meses, Fernando Kenneth (Kenny) Martínez, para uma tia idosa, doente terminal que queria conhecer o sobrinho-neto antes de morrer.

Astrid López, vinte anos, estudante do último período do curso secundário em Medellín, e que pretendia fazer faculdade de direito, sentia-se entusiasmada com as duas semanas de férias que passaria em Nova York a partir de 25 de janeiro, prêmio que sua mãe, Miryam Ballesteros, lhe dera devido a seu excelente desempenho escolar.

A moça viajaria sozinha, deixando cinco irmãos para trás. Se fosse possível, Astrid tentaria dar uma esticada até a Flórida para realizar um dos seus maiores sonhos: conhecer a Disney World.

Plácido Cruz Martín, colombiano, 39 anos, morador no bairro do Queens havia oito anos, além de pintor e embaixador de

paredes, era maratonista internacional. Já participara de competições na África, no México, no Brasil e no Canadá. Boas colocações tinham lhe rendido inúmeros prêmios e troféus, tendo inclusive ganhado a 49ª maratona anual de Yonkers, em 1985.

O motivo da viagem de Plácido à Colômbia fora passar o Natal com a família, e acabara estendendo as férias por quase todo o mês de janeiro. No dia 25 voltaria para Nova York e retomaria sua rotina de trabalho e de treinos no West Side Runners Club. Antes de correr maratonas, Plácido Martín fora toureiro em sua terra.

Néstor Zárate, advogado colombiano, vivia com a mulher em Nova York, nas proximidades do Central Park. Seus três filhos residiam na Califórnia.

Zárate preparava-se para viajar para Bogotá a serviço de uma causa processual. Comprara sua passagem numa loja da American Airlines, em Manhattan, sendo seu regresso previsto via Miami. No entanto, fazia o possível para transferir o bilhete para a Avianca — naquela época era possível esse tipo de endosso. Caso fosse bem-sucedido, ele pegaria o voo 52 do dia 25 de janeiro. Isso lhe pouparia várias horas de espera aborrecida no Aeroporto Internacional de Miami.

María Eugenia Agudelo era publicitária em Nova York. Como o ano de 1989 fora de muito trabalho, ela decidiu tirar férias de Natal na Colômbia, visitando a família. Uma semana antes de seu regresso aos Estados Unidos, teve a passagem, o passaporte e todos os documentos roubados.

Enquanto providenciava os novos papéis, María foi obrigada a remarcar seu bilhete. A Avianca lhe conseguiu um lugar no voo 52 de 25 de janeiro.

Héctor Vásquez morava em Nova York com a mulher, Luz Elena, e a filha do casal, Jessica, de dois anos e meio. Como presente de fim de ano, Héctor deu a elas passagens de ida e volta para a Colômbia, onde visitariam parentes, saindo no início de dezembro. Ele próprio não podia ir por razões de trabalho. Jessica era americana de nascimento e ainda não fora apresentada aos avós, tios e primos. Luz, por sua vez, não ia lá havia oito anos.

A volta de Luz Elena e Jessica fora marcada para a noite de Natal de 1989. Só que Luz gostou tanto da viagem que perguntou ao marido se ela e a filha não podiam ficar mais um mês, regressando no dia 25 de janeiro. Apesar das saudades que sentia das duas, Héctor não teve como recusar o pedido.

Desde que emigrara para os Estados Unidos, Sergio Iván Giraldo, motorista de uma empresa de limusines de Nova York, nunca mais voltara à cidade natal, Manizales, numa região montanhosa do Sul da Colômbia, para rever a família. Mas, em meados de 1989, decidira tirar férias no fim do ano, entre 10 de dezembro e 10 de janeiro de 1990, e visitar seu pessoal. Em outubro já começou a comprar os presentes, para que nenhum de seus parentes próximos deixasse de receber pelo menos uma lembrança.

Em novembro, Doris, irmã de Sergio, o convenceu a viajar com ela, que só poderia embarcar no dia 17 de dezembro, após receber seu green card. Nesse caso, voltariam em 17 de janeiro. Mas, na última hora, ela cancelou a viagem. Sergio então decidiu mudar seus planos pela segunda vez. Iria no dia de Natal e regres-

saria exatamente um mês depois, em 25 de janeiro. Como tinha pavor de voar, não se sentia nem um pouco confortável enquanto aguardava o dia da viagem para a Colômbia.

Uma pane na aeronave na qual embarcaria no Kennedy não melhorou em nada o estado de ânimo de Giraldo. Mas enquanto o avião era substituído por outro, que precisou vir da Colômbia, fato que provocou um atraso de treze horas, ele teve tempo mais do que suficiente para “beber” coragem num bar do aeroporto. Estava relaxado quando decolou às quatro da manhã do dia 26 de dezembro. Pousou em Pereira, no Centro-Oeste do país, onde fez conexão com um voo para Manizales.

Sergio Giraldo passou um fim de ano inesquecível com os parentes. Faltando ainda mais de três semanas para regressar aos Estados Unidos, o medo de voar não o afligia naquele momento.

María Lucila Torres, casada, dois filhos, aos 46 anos de idade trabalhava na empresa Almacafé, de armazéns gerais, em Medellín. Tinha uma irmã, Gabriela, residente em Nova Jersey, que a convidou para passar férias em sua casa. María Torres, que jamais saíra da Colômbia, se entusiasmou com o convite e conseguiu obter o visto americano. Comprou passagem no voo 52 da Avianca, que saía de Medellín às três da tarde de quinta-feira 25 de janeiro de 1990. Iria sem o marido e os filhos.

A vida de Jessica Gutiérrez mudaria completamente. Ela tinha oito anos de idade e morava em Bogotá com os avós, José Walter e Liria Palacios. A mãe de Jessica, Aída Gutiérrez, fora para Nova York em busca de uma vida melhor e agora, já instalada, regressava à capital colombiana para buscar a filha.



Embora feliz de voltar a viver com a mãe, Jessica sentia o coração apertado por saber que teria de deixar seus amiguinhos para ir viver em uma terra totalmente desconhecida.

A americana Margaret (Margie) Law, 24, sempre vivera nos subúrbios da Filadélfia. Em 1989, exercia a função de subgerente de um restaurante popular. Quatro anos antes se apaixonara por Miguel Olaya, cinco anos mais velho que ela. De origem colombiana, Miguel, um rapaz bonito e moreno, nascera em Nova York mas voltara com os pais para Bogotá, onde fora criado, retornando mais tarde aos Estados Unidos, justamente para a Filadélfia.

Miguel e Margie se conheceram em 1985, numa noite em que ele foi tomar um drinque com amigos no estabelecimento onde ela trabalhava. Nessa ocasião ele era chef de outro restaurante, sofisticado e caro. Após um flerte inicial, os dois passaram a se ver com regularidade. Não demorou e se tornaram noivos, indo viver juntos.

Em novembro de 1989, Miguel convidou Margie para conhecer a Colômbia. Lá ele a apresentaria a seus pais e ao resto da família. Ela, emocionada, aceitou imediatamente o convite. Seria sua primeira viagem ao exterior. Viajaram de carro os 160 quilômetros que separavam a casa deles do aeroporto internacional John F. Kennedy, onde embarcaram num voo da Avianca numa manhã gelada do início de janeiro.

Chegando a Bogotá, o casal foi recebido no aeroporto por quase toda a família de Miguel. As semanas que se seguiram revelaram-se uma experiência inédita e fantástica para Margie Law. Ela se integrou totalmente à família do noivo. Tornou-se amiga da futura sogra, Cecilia, e da irmã de Miguel, Pilar.